

## DIÁRIO DE BICICLETA – PEDALADAS JORNALÍSTICAS E NARRATIVAS DO COTIDIANO<sup>1</sup>

Elder Nunes CORRÊA JUNIOR<sup>2</sup>  
Adriana Ruchel DUVAL<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pampa

### RESUMO

Diário de Bicicleta é um livro-reportagem que apresenta quinze textos realizados em agosto de 2011 e classificados em três temas: lugares, pessoas e profissões. O trabalho foi executado a partir de flagrantes do cotidiano, captados pelo autor, em suas pedaladas de bicicleta pelas ruas de São Borja. No estilo da reportagem-crônica, acompanhado por imagens, o livro revela o universo de sensações e sentimentos do autor ao se deparar com personagens, lugares e fatos que nem sempre são vistos a olho nu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reportagem-crônica; Jornalismo e cidade; Cotidiano e memória.

### INTRODUÇÃO

Para a produção do Diário de Bicicleta foram utilizadas técnicas do jornalismo humanizador. As primeiras delas dizem respeito a se colocar disponível ao encontro das histórias. A meta inicial era construir pautas a partir de recortes do cotidiano flagrados durante 31 dias ininterruptos, nos quais sairíamos às vias são-borjense de bicicleta, com uma câmera fotográfica, um bloco de anotações e caneta.

Desconstruindo os moldes tradicionais de produção jornalística, não havia pauta estabelecida, roteiro ou trajeto definidos. Cada esquina em que mudamos de direção foi apenas uma decisão instintiva. Constatamos que cada quadra conta sua própria história, tem vida. Como repórter, tivemos o objetivo de observar, avaliar o que esconde uma boa história, um personagem marcante ou mesmo uma notícia que está “caindo de madura”, mas que para outros veículos sequer valeria cinco ou seis linhas.

Metodologicamente, a ideia preliminar seria realizar uma reportagem por dia, durante os 31 dias de agosto deste ano. Nesse processo estariam envolvidas todas as etapas de coleta de informações, através de entrevistas, para que pudessem ser apreendidas as revelações e, sobretudo, a técnica de observação.

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-Reportagem.

<sup>2</sup>Aluno autor do trabalho e graduado no Curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo, email: eldernunesjr@hotmail.com.

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – hab. Em Jornalismo, email: adrianaadual@unipampa.edu.br

Ao retornarmos para casa, ao fim da jornada sobre rodas, procedíamos à redação da reportagem do dia, adotando um estilo autoral, em primeira pessoa, como as produções de diário, no qual estão presentes características como intimidade e bastidores de produção.

As fotos eram armazenadas diariamente. Ao todo, foram quase mil fotografias, buscando o melhor ângulo, o momento emocionante, a melhor luz possível em cada situação. Como as reportagens tratam de entrevistas-perfis, geralmente buscávamos ter, pelo menos, uma imagem em primeiro plano com a função “macro” ativada, para revelar os detalhes. Porém, não são todas as reportagens que estão acompanhadas por fotos com esse enquadramento.

Como não havia pautas pré-selecionadas, o caminho era guiado instintivamente. Às vezes parávamos na rua e conversávamos com alguém, já o imaginando como possível entrevistado. Como algumas pessoas preferem contar as histórias alheias, não foram raras as indicações que apontaram caminhos, sugerindo pautas. Muitas vezes deixamo-nos guiar pelo faro de repórter dos transeuntes, que elegiam seus próprios heróis das ruas.

Olhar para alguém que não se conhece e ver nesta pessoa uma figura em potencial não é fácil. É preciso confessar que foi tentador sair de casa imaginando uma pauta e indo para onde, supostamente, a encontraríamos. Por sorte não a encontramos. Foi no dia em que conhecemos o Humberto, que na época passava o tempo na praça central e a noite no Albergue Municipal. Se encontrássemos o que havia sido pautado em mente, possivelmente teríamos deixado de conhecer uma parte de São Borja que era desconhecida para nós.

Para o trabalho não haviam questões pré-estabelecidas, apenas nome, sobrenome, idade e profissão. Mas mesmo para ouvir o silêncio é preciso iniciar a conversa. A pergunta que mais fazia os personagens falar era “De que cidade é natural?”. Se precisássemos escolher uma pergunta para colocar em um manual, seria essa. Ela abre o caminho do pensamento e da memória, que em um flash recorda emoções e vivências.

A proposta original, de um mês corrido, se mostrou pouco apropriada. Instituiria uma pressão tão acentuada, para as saídas a campo de cada dia, evitando sobreposição de abordagens, que acabaria por tensionar o trabalho. Outro argumento adotado para uma mudança de planos foi a necessidade de uma profundidade maior nas reportagens, demandando uma dedicação mais intensa ao texto. Consideramos que, dentro dessa ideia, o ideal seria trabalhar com quinze textos.

Para o livro, os textos foram categorizados em Lugares, Pessoas e Profissões. Essa divisão serviu para apresentar ao leitor possibilidades da identificação de talvez novos

critérios ou aspectos norteadores ao trabalho de reportagem de cunho humanizador. Também ajudou a distribuir as matérias nas páginas, de forma equilibrada, e a promover uma reflexão sobre o que foi feito, percebendo-se os diferentes aspectos que chamaram a atenção nas saídas a campo.

## **2 OBJETIVO**

Experimentar a exposição às ruas, no intuito de captar flagrantes do cotidiano. Exercitar a observação guiada pelo olhar descondicionado, para identificar possíveis abordagens jornalísticas. Entrevistar os personagens nas ruas e associar o conteúdo de sua fala às observações apreendidas, de modo a enxergar o personagem em suas circunstâncias. Produzir reportagem perfil, de cunho humanizador, que revele os sujeitos a partir de seu passado e presente, do que diz, pensa e deseja.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O jornalismo humanizador, ou qualquer que seja o nome que podemos conferir à prática jornalística inspirada por modelos alternativos à fórmula “lead-pirâmide invertida”, é sinalizador de caminhos que se acentuam na atualidade, até mesmo nas mídias tradicionais. Zero Hora, um dos jornais de maior circulação no Estado, investiu, já há algum tempo, em reportagens com perfil humanístico, texto literário, assinadas por nomes conhecidos, como Fabrício Carpinejar e Cláudia Laitano. Até mesmo na editoria de esportes, David Coimbra e Diogo Olivier adotam um tipo de texto que vai ao encontro dessa “quebra de gelo”, dessa busca por inserir na narrativa elementos outros que não apenas as respostas às perguntas clássicas do lead.

O leitor tem sede de novidades. Mais que isso, o leitor espera, do jornalista, em meio à multiplicidade da oferta, diante das diversas possibilidades de se obter informações, que ele apresente algo que realmente se destaque. No meio de tudo-muito-igual, a abordagem corriqueira, sob um viés sensível, faz a diferença.

O Diário de Bicicleta, livro de reportagens, é uma proposta que busca mostrar os personagens a partir de suas revelações. Pode servir de incentivo para as novas gerações de jornalistas que ainda não tiveram contato com esse exercício. Atesta que sempre há algo a ser contado sobre alguém, algum lugar ou alguma coisa. Mesmo que, diante do olhar condicionado e preso a pautas prontas, alguns jornalistas não consigam enxergar nada de interessante por ali.

Colocar em prática esse trabalho é, de certa forma, provocar reflexões acerca dos critérios de noticiabilidade, considerados um padrão jornalístico. Lembramos bem dos mais de vinte, categorizados por Mário Erbolato (2007), autor referência no assunto. Com essa proposta de trabalho, vivenciamos a convicção de que nem sempre podemos enquadrar as pautas a esses critérios, que regem o que tem potencial para virar notícia. Basta que se saiba descobri-la e contá-la, em um texto instigante, dinâmico e interessante.

Dessa forma, toda reportagem-crônica acaba virando, em suma, uma viagem. Um percurso físico e sentimental por ruas, casas, pessoas. Por mais parecidas que sejam, jamais serão iguais. O convite ao leitor para que conheça as particularidades das histórias comuns é promovido por um tipo de abordagem, aqui exercitado, que aproxima o texto de um relato diário, como aqueles registros clássicos, dos desbravadores às adolescentes apaixonadas, feitos sobre o papel: os diários.

Diário de Bicicleta carrega, em si, uma tentativa de irreverência, de inovação, como se buscássemos rotas alternativas para o encontro com a cidade. Para além das notícias formais, feitas com base em releases oficiais, para além das ocorrências policiais, está o jornalismo dos pés sujos, das intempéries, da rua, enfim.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

De bicicleta, desbravamos a cidade. Em cada ponto, lições oriundas do contato, do exercício dos sentidos. A cidade se constitui de pessoas, e essas pessoas vivem suas próprias histórias, que, construídas dia a dia, vêm a fazer parte, ou se constituem, na história da cidade. Ela não acontece apenas nos palanques, nos labirintos da prefeitura ou nas bancadas dos vereadores. Talvez as bancadas dos vereadores até sejam um dos locais onde se contam muitas histórias. Pessoas vão até lá para contar o problema de sua rua, que é seu problema também. Porque a pessoa, a rua e todos os problemas são um só, se olhados sob uma perspectiva humanizadora. É disso que trata o presente trabalho: cidade, jornalismo e humanização. Tem, em sua essência, o espírito das ruas, no ato da reportagem, na revelação dos sujeitos e de suas vidas.

Na perspectiva de um jornalismo comprometido com a comunidade, a autora afirma que é necessário adotar uma postura de inclusão e sensibilidade:

“Para que o cotidiano se apresente é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a

superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais”. (MEDINA, 2003, p. 93)

Todo o tempo, algo acontece. Em toda a parte. No entanto, não é tudo que chega ao conhecimento do público. As notícias acabam indo por uma direção escolhida pela empresa jornalística, baseada em critérios, ideologias, e até mesmo no espaço para a impressão. Na formação e no exercício do Jornalismo, conhecemos os “critérios de noticiabilidade”, ou “critérios de valor-notícia”, que regem o olhar do jornalista sobre a cidade, os sujeitos e os fatos. Erbolato (2007) exemplifica como podemos perceber a questão do potencial de noticiabilidade:

(...) Algo banal pode de um momento para o outro ser notícia. Um mendigo é visto todos os dias na escadaria da igreja, mal vestido e sujo, a pedir esmolas e ninguém se importa com ele. Mas, se for preso e a polícia descobrir que ele possui milhões de cruzeiros em contas bancárias, logo será notícia. (ERBOLATO, 2007, p. 54)

Ressalta-se, contudo, que nem sempre uma notícia é regida por apenas um critério; um fato, ao ser noticiado, pode ser julgado interessante de ser veiculado devido a apresentar um ou mais critérios.

Para entendermos melhor a relação entre produção, critérios de noticiabilidade e viés humanizador, voltemos ao mendigo: mesmo sem o componente do dinheiro, esse personagem seria merecedor de estar nos jornais? Provavelmente não. Na perspectiva da produção comercial em geral, mimeticamente reproduzindo pautas, condicionando o olhar segundo uma padronização previsível, o mendigo vira notícia quando é encontrado pela polícia com uma grande quantia de dinheiro.

Um dos grandes nomes do jornalismo, Ricardo Kotscho, aborda essa questão ao falar sobre seu exercício profissional. Certa vez, ao cobrir um fato político, resolveu fazer diferente dos colegas, e recorrer a fontes externas ao evento, pois a pauta havia “caído” e ele não queria publicar a mesma matéria que sairia em outros jornais:

(...) Comecei a entrevistar quem estava do lado de fora do palácio – muitos nem sabiam da presença do ilustre visitante – e, entre eles, um pipoqueiro. Virei repórter de side, ou seja, das histórias paralelas, menos importantes. (...) Anos mais tarde, um professor doutor em New Journalism me rotularia de repórter das “matérias humanas”. (KOTCSHO IN DANTAS, 2004, p. 191)

Não se tem, ainda, um referencial teórico específico sobre jornalismo humanizador. Mas alguns profissionais, e algumas pesquisas recentes, apontam para uma direção que

sinaliza novos rumos: da pauta à redação. Eliane Brum, hoje repórter especial da Revista Época, em São Paulo, trabalha segundo técnicas que desenvolveu, ainda no Rio Grande do Sul (em Zero Hora), de perceber as histórias de anônimos, os causos pequenos, que acabam virando grandes reportagens: “Contar os dramas anônimos como épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício da escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida é uma Odisséia.”(BRUM, 2008, p. 187).

Falar sobre a cidade, sobre seus tipos e ações corriqueiras, pode representar uma produção jornalística “menor”, menos intensa, menos digna de manchetes garrafais, na opinião de algumas pessoas. Mas não é assim que jornalistas renomados, como Marcelo Rech e Caco Barcelos percebem, acerca do que Eliane Brum produz. Segundo Rech (2006):

A ideia estava ancorada na convicção de que tudo – até uma gota d’água- pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna. (RECH IN BRUM, 2006, p.13)

Nesse olhar sensível sobre o cotidiano, Eliane detecta mais que histórias pontuais: descobre que não existem fórmulas, mas posturas, de uma reportagem humanizadora. Nesse sentido, estimula jovens profissionais à busca de uma atuação mais comprometida com a cidade, com a memória, com a história, com um jornalismo liberto de preconceitos. Brum (2008) prega um exercício de reportagem dinâmico e comprometido com o presente e o futuro, que forneça ao leitor possibilidades de leitura do mundo:

Eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vertebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo. Por isso exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas. (BRUM, 2008, p. 14)

A vida está exposta nas ruas, nos atos banalizados pela repetição do cotidiano de pessoas anônimas de um bairro esquecido, na vida privada de pessoas que temos contato todo o dia, mas nem sabemos seu nome. Traçar perfis dessa gente, atentos a toda a circunstância que a rodeia, naquilo que o personagem nos deixa escapar pelo olhar que desvia o assunto para as entrelinhas é valorizar o trabalho de reportagem de rua, pois

estando unidos, entrevistador e entrevistados por uma linha telefônica ou endereços de e-mail, a reportagem não tem o mesmo gosto.

Só pisando no mesmo terreno, entrando na casa, na vida do entrevistado, se desarmando do “afastamento com a fonte” e sabendo mais ouvir e observar que perguntar é que se pode fazer um jornalismo de cunho humanizador. Reportagens executadas no ambiente isolado das redações, longe das intempéries do clima, dos engarrafamentos, da imprevisibilidade, feitas com a medição eletrônica, devem ser vistas com cautela. É o que expressa Köning (2008):

“Na década de 1980, chegou a constar em manual jornalístico a recomendação daninha: se fosse possível colecionar informações por telefone, que se dispensasse o contato pessoal. Como se o trololó telefônico – ou, mais tarde, a letra fria do e-mail – substituísse o testemunho ocular e a conversa tête-à-tête.(...) O surrado lugar-comum renovou-se com vigor: lugar de repórter é na rua.”(KÖNING, 2008, p. 7-8)

Pensar na composição de um perfil, por mais que se personifique a história, é também narrar sobre seu entorno – familiares, vizinhos, moradores de seu bairro, de sua cidade. Retratar o cotidiano dos anônimos é refazer, por histórias paralelas, a memória do lugar. Aquilo que faz cada um levantar todos os dias é o que temos de mais puro na composição de um município. O olhar guiado pelo repórter é também guiado pelo olhar dos personagens, por aquilo que ele quer mostrar:

Viver a cidade é viver a dinâmica da realidade cotidiana, é estar inserido no fluxo da vida diária com tudo o que esse fluxo propõe. É como estar aberto não só ao conhecido, ao que é familiar, mas, sobretudo, estar disponível ao olhar do estranho. (REYS, 2005, p. 19)

Por isso, o presente trabalho caminha na direção de uma proposta de reportagem humanizadora, marcada pelo que, ainda no século XIX, Charles Baudelaire descrevia como o “flanêur”, o sujeito disponível para o novo, sem condicionamentos, sem rumo, apenas captando com os sentidos, permitindo-se flunar, descobrir, viver, apreender os flagrantes do cotidiano, em seus percursos:

Segundo o poeta e crítico do século XIX, Charles Baudelaire, o termo flâneur pode ser caracterizado como um observador que percorre a cidade em busca de experiências a fim de compreender a modernidade e os fenômenos relacionados à urbanização. Sua integração existe de forma onipresente e invisível ao meio, e além de permear os brutais contrastes culturais e geográficos, possibilita a intersecção exata entre o subconsciente individual e coletivo. Uma



experimentação sensorial instigadora da busca do desconhecido, que transcende limites e reinventa outros olhares. (POD CULTURA, 2010)

Em termos de história e conceituação do Jornalismo, identifica-se algo que se aproxima do tipo de exercício aqui proposto e posto em análise. O que também podemos chamar de “New Journalism”, ou Novo Jornalismo, estilo de reportagem difundida na imprensa dos Estados Unidos no início da década de 1960, por, dentre outros, Tom Wolfe. Além de possibilitar a presença do repórter no texto, se caracteriza por somar técnicas literárias utilizadas em textos ficcionais às técnicas de apuração e produção de reportagem jornalística. Wolf (2005) comenta sobre o que é mais importante para o Novo Jornalismo: a composição da cena ou os dados?

Quando se passa da reportagem de um jornal para essa forma nova de jornalismo, como eu e muitos outros fizemos, descobre-se que a unidade de reportagem básica não é mais os dados, a peça de informação, mas a cena, uma vez que a maior parte das estratégias sofisticadas depende de cenas. (...) fazer reportagens nunca se torna mais fácil porque você já fez muitas. O problema inicial é sempre abordar gente desconhecida, penetrar em sua vida de algum modo, fazer perguntas que você não tem nenhum direito natural de esperar que sejam respondidas, pedir para ver coisas que não são para você ver, e assim por diante. (Wolfe, 2005, p. 82-83)

Na atualidade, mesmo diante da objetividade demandada pelas mídias, sobretudo a partir da convergência, do abastecimento, em tempo real, dos consumidores, através dos sites, grandes empresas jornalísticas adotam esse tipo de produção como uma linha de trabalho. Como, por exemplo, a Zero Hora, citada anteriormente. Essa tendência também é observada em cidades do interior, como São Borja, através da coluna semanal “Crônicas da Cidade”, assinada por Adriana Duval, na Folha de São Borja. Conforme consta no texto de estreia da coluna:

Não basta enxergar. A cidade está revelada para quem a quer ver. (...) De pequenas histórias é feito o cotidiano, na pulsação da vida, aos bocadinhos, pelos lugares onde passamos. A fisionomia urbana se constitui da fisionomia humana de seus tipos e de seus singelos feitos. (...) Lanço o desafio da descoberta de cenas corriqueiras, de figuras do povo, de relatos que nascem a partir do descondicionamento do olhar. As ruas têm alma. (DUVAL, 2010)

O direcionamento dos veículos a essa forma de fazer atende ao que a comunidade espera de seus profissionais. Alguém que, ao menos, saiba escutar e enxergar as



individualidades de cada um, como com uma lupa. Nem o jornal, nem o jornalista podem ter o poder de separar quem é importante, quem são as celebridades. Na vida real, todo sujeito é parte da informação, faz parte de sua história e é importante em suas circunstâncias.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Para a produção do Diário de Bicicleta foram utilizadas técnicas do jornalismo humanizador. As primeiras delas dizem respeito a se colocar disponível ao encontro das histórias. A meta inicial era construir pautas a partir de recortes do cotidiano flagrados durante 31 dias ininterruptos, nos quais sairíamos às vias são-borjense de bicicleta, com uma câmera fotográfica, um bloco de anotações e caneta.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Uma das primeiras conclusões que este trabalho promoveu foi perceber o Jornalismo como um campo fértil a novas ideias. Dizem que o mercado é restrito e, de fato, é pouco desenvolvido no Estado, e ainda apresenta modelos tradicionais, sem grandes chances de experimentações.

Por outro lado, há nomes e experiências, atualmente, que levam a pensar no quanto o leitor deseja novas escolhas, novas linguagens, ou velhas-novas, se pensarmos que ninguém “inventa a roda” - apenas a reinventa com novas técnicas e materiais.

Por fim, as histórias escolhidas, em um olhar agora, mais distanciado do que no período de sua realização, nos mostram diferentes lições de vida. Para cada uma delas, uma experiência distinta. Nem sempre se consegue obter informações com uma mesma pergunta. Às vezes, é preciso começar por outros questionamentos, ou até mesmo deixar de perguntar e apenas ficar observando, escutando. Isto é, não há ou não deve haver o que se chama de “fórmulas”, no sentido de regras fechadas ou que induzem o jornalista a fazer de uma forma ou de outra.

De tudo, fica a certeza de que pouco sabemos, de que pouco conhecemos; de que as ruas são dinâmicas, vida pura, cheia de histórias sobre as calçadas, os paralelepípedos, as casas e prédios. Fica a convicção de que é preciso sair pelas ruas, sentir cheiro de gente, farejar histórias, ouvir narrativas de cotidianos simples, porém, carregados de emoção e esperança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- \_\_\_ **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- DIMENSTEIN, Gilberto e KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.
- DUVAL, Adriana. **“A reportagem desnuda I”**. São Borja: Folha de São Borja 13/10/11, Caderno IN, p. 06
- \_\_\_ **“A reportagem desnuda II”**. São Borja: Folha de São Borja 24/10/11, Caderno IN, p. 06
- \_\_\_ **“A reportagem desnuda III”**. São Borja: Folha de São Borja 17/11/11, Caderno IN, p. 06
- \_\_\_ **“Desfile, palco e platéia”**. São Borja: Folha de São Borja 14/09/11, Caderno IN, p. 06
- \_\_\_ **“Para ver, é preciso querer”**. São Borja: Folha de São Borja 23/09/10, Caderno IN, p. 06.
- ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Editora Afiliada, ano 2007.
- KÖNING, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. Curitiba: Pós-Escrito, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- REYS, Paulo. **Quando a rua vira corpo**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

### 10.2 Referências da web

<http://www.podcultura.com.br/a-mostra-o-flaneur-da-babilonia-e-composta-por-16-fotos-preto-e-branco.105.1643> ; acessado em 05 de julho de 2011.